

Neila Osório

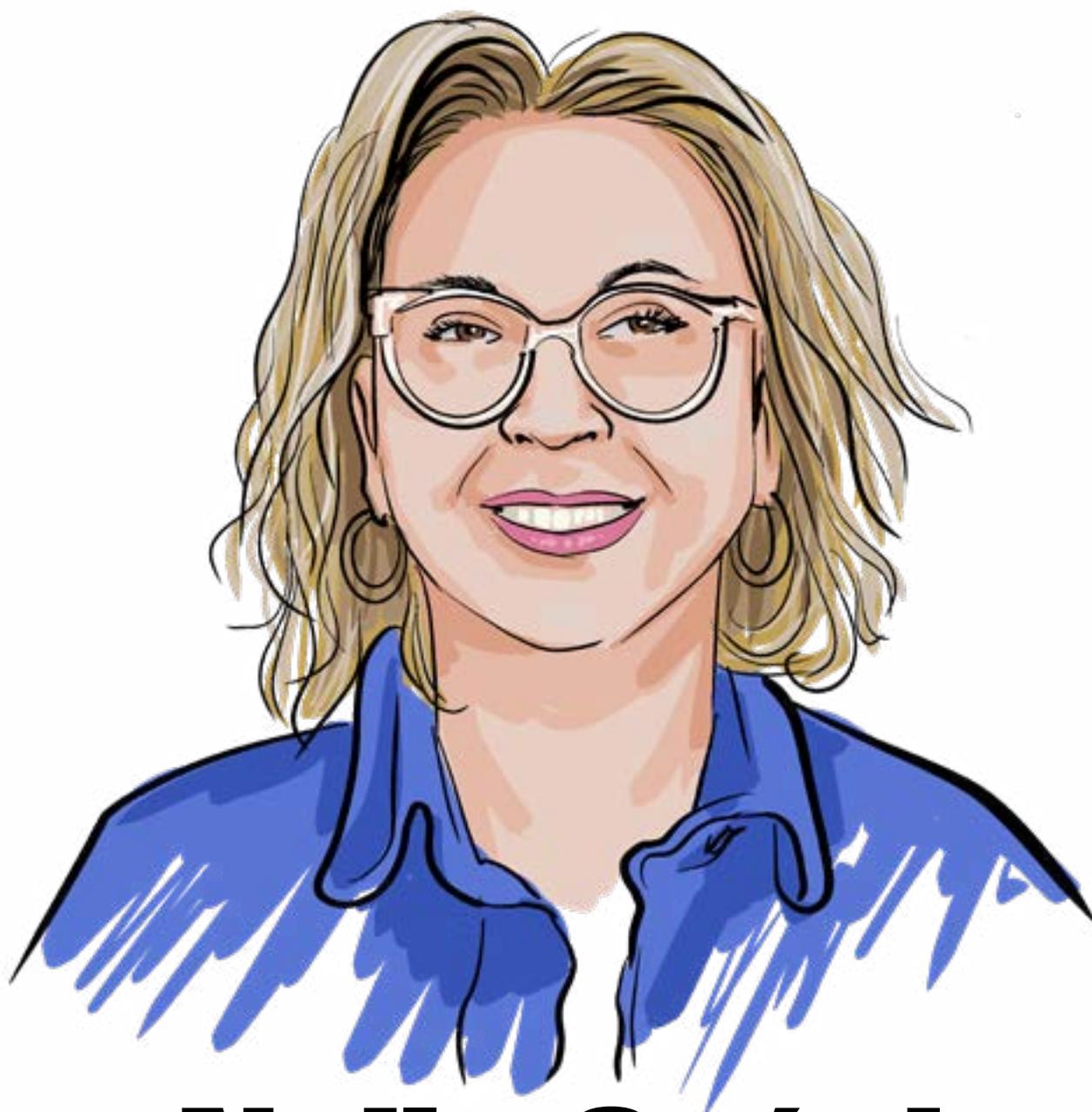
Um legado em vida



Formato PDF



[Clique aqui ou aponte a câmera do seu dispositivo para o QR Code acima e tenha acesso a esta publicação em formato PDF.](#)



Neila Osório

Um legado em vida

2022

Ficha Técnica

Organizadores:

Jucelia Cordeiro Sousa Passos
Luiz Sinesio Silva Neto
Marlon Santos de Oliveira Brito
Neila Barbosa Osório
Rachel Bernardes de Lima
Tamires Fernandes Vieira

Capa, ilustrações e Identidade Visual:

Adriano Alves da Silva

Fotos:

Fábio Almeida/ Ascom UMA
Arquivo Pessoal (Neila B. Osório)



SUMÁRIO

1 - Nhonhô e sua Neta Neila	08
2 - Dona Tarcila e a Formação de sua filha Neila	12
3 - Amiga que a profissão me deu	16
4 - UMA: Tecnologia Social Educacional	20
5 - Era UMA vez... ..	22
6 - A UMA na voz dos seus pesquisadores	31
7 - Produtividade acadêmica em números	36
8 - Comprovações acadêmicas	37



Núcleo Familiar



Este material é só mais um desafio que a Universidade da Maturidade (UMA) nos propõe. Superar desafios é uma constante nesta instituição. Sim, podemos chamá-la de instituição pelo que ela já é, e pelo muito que ainda há por vir. Superamos aqui mais um desafio. Nos superamos! Organizar uma revista para apresentar o legado acadêmico da Dra Neila Barbosa Osório!

O objetivo do trabalho era organizar um Memorial para o processo de promoção à Classe E, com denominação de Professor Titular da Carreira do Magistério Superior, conforme PORTARIA Nº 982, de 03 de outubro de 2013 e RESOLUÇÃO/CONSUNI Nº 34, de 17 de outubro de 2014, da Universidade Federal do Tocantins (UFT).

Iniciaram a tarefa de forma tímida, na sala da Dra suas assistentes diretas, mas logo o movimento cresceu e tomou nova forma. Muitas sugestões, muitas opiniões e ela (Dra Neila) com olhos brilhantes a cada novo palpite com manifestação de ideias.

Edital estudado, partimos para a juntada dos documentos e conversas que renderam idas ao fundo do baú (físico e da memória): fotos foram encontradas, depoimentos de parentes, amigos, velhos... Foram muitas emoções nesta fase do trabalho.

Além da parte destinada a apresentação sobre a vida da Dra, numa imaginária narrativa de sua mãe Tarcila e de seu nhonhô Barbosa, a revista apresenta, alguns depoimentos de pessoas, novas e velhas, que são impactadas diretamente pelo trabalho realizado pela UMA, que, sem dúvida é o maior legado que ela constrói.

Os comprovantes de suas atividades de ensino, pesquisa, extensão e produções bibliográficas, estão apresentadas com hiperlink que os levará à visualização de cada um deles. Por ser o Memorial da Dra Neila Barbosa Osório, este não poderia ser diferente: ousado, arrojado e inovador.

Que ao navegar conosco por estas páginas, você receba um pouco de encorajamento para fazer valer a pena tudo e em todo tempo, afinal, “Quem sabe faz a hora, não espera acontecer!”

Rachel Bernardes de Lima
Jucelia Cordeiro Sousa Passos
Organizadoras



Por: André Raposo e
Rachel Bernardes de Lima



Nhonhô e sua neta Neila

Neila Terezinha, minha neta querida. Em minha escuridão, Neila era sempre luz. Na minha falta de visão, Neila era aquela que não passava imperceptível. Sua presença, sua companhia e toda a curiosidade era marca registrada da minha neta Neila, sempre atenta a todos os movimentos que a vida oportuniza. Então vamos lá, remontar toda essa história de aquecer a alma e embalar os ritmos do coração.



Neila nasceu numa sexta feira santa. Era dia 12 de abril de 1960. Naquela época, nós, católicos, tínhamos o costume de vestir as cores que a igreja designava para o santo do dia ou períodos. Como era quaresma, estávamos todos de roxo. Seu nome não é em homenagem ao Santo do dia São Vítor, mas sei que ele a instruiu para ser uma vitoriosa.



Minha filha Tarcila casou-se com Samuel, e tiveram duas meninas: Inah e Neila. Desde pequenas são amigas íntimas. Viveram juntas uma rica infância, apesar dos 4 anos que as separam. Aos sete anos Inah ganhou uma bicicleta, que tinha uma garupa confortável para que pudesse carregar Neila. Era lindo ver a cumplicidade delas.

A casa em que elas cresceram tinha um quintal que servia de cenário para o palco de muitas imaginações e brincadeiras. Faziam comidinhas, alimentava as galinhas...Certa vez as percebi fazendo um buraco no chão, e fiquei curioso com o que estavam buscando. Como elas não podiam viajar, dar a volta ao mundo como sonhavam, então resolveram cavar para chegar mais rápido no Japão. Imaginação de criança é uma coisa preciosa! Quando (ou onde) será que elas perdem este encanto para reinventar diante dos desafios?

Apesar de morarmos muitos numa mesma casa: eu, minha esposa, Doralina, os pais de Tarcila e, o irmão de Tarcila, Auro, não tínhamos condição de cuidar das meninas como era preciso. Maria era uma moça que cuidou das meninas enquanto bem pequenas. Minha filha, Tarcila, trabalhava muito (como todos os professores, não é mesmo? Dedicam-se muito aos filhos dos outros e precisam de alguém para ajudar a cuidar de necessidades básicas dos seus. Parece até uma ironia do destino). Mas nisso Neila também inovou: quando teve seus filhos, carregava-os consigo e, desde pequenos, já estavam inseridos no contexto da velhice, seu laboratório de estudos e vida.

Nossa casa era uma comunidade. Muita gente, velhos, crianças, doentes...(eu, cego), muito barulho...muitas conversas. Conversas que alegravam o coração e outras que marcaram profundamente, de forma negativa, as nossas vidas. Falamos muitas coisas que não devíamos ter falado, mas não tínhamos o entendimento que os avós têm hoje. Não sabíamos o dano que causamos às crianças quando falávamos mal uns dos outros, quando expressamos as decepções que acumulamos nos relacionamentos com o outro.

Apesar de meus olhos não terem visto nenhuma das meninas, porque fiquei cego aos 32 anos, em decorrência de um deslocamento de retina, procurei construir nossas memórias afetivas, instruí-las e amá-las de forma intensa. Ajudava nas tarefas escolares e tomava a tabuada diariamente. Conheci bem cada uma delas pelo meu coração. A atitude positiva para o aprendizado era o combustível que abastecia a regularidade com que eu me punha a acompanhar todo o desenvolvimento das meninas, com as letras e os números.



Na minha relação como avô das meninas, pude resgatar muito do que, como pai, entendi que precisaria ter vivido, uma relação atenciosa, marcada pela construção de princípios e valores. No dia a dia da nossa casa, sempre muito povoada, as meninas cresciam tendo a noção de processo e entendendo que o que acontece nas nossas vidas não vem pronto e acabado, mas que são frutos que vão nos aproximando com aquilo que trazemos do campo dos sonhos.

Assim, Neila e Inah foram educadas: marcadamente com os pilares da disciplina, da humildade, do respeito e da construção de uma sólida base pessoal, onde tanto a educação cognitiva, promovida pela escola e reforçada em casa por nossos momentos de estudo, quanto o aprendizado advindo das relações, da dinâmica de nosso lar passaram a integrar o que faria delas mulheres destemidas e conscientes de seus papéis na sociedade. Reprendendo certas falas e reforçando alguns pontos de vista, errando e acertando, fomos garantindo às meninas uma infância diversa, plural e rica de experiências.

Na minha trajetória de vida pude ocupar cargos como prefeito e delegado, exercícios profissionais esses que me possibilitaram exercer uma das minhas grandes paixões na vida, o contato e a possibilidade de contribuir com as pessoas. O curioso nessa narrativa sobre as meninas é que consigo identificar o quanto, de forma natural, transmiti por meio do nosso contato, a alegria de estar entre aqueles que vêm até nós.

Neila estava sempre presente nos ambientes e acompanhava de forma atenta e curiosa as pessoas que vinham até nossa casa. Como parte das características da nossa forma de educar, não havia interferência das crianças na fala dos adultos, mas nos nossos momentos de conversas ela sempre trazia uma pergunta referente a algo que ela havia presenciado. Não sei se aquela interação, precoce com tantos assuntos e situações problemas, era benéfica para crianças, porém cercear de Neila a vontade de sempre querer saber um pouco mais seria, com certeza, muito pior. Perceber a evolução das meninas aumentava em mim a responsabilidade como avô, que desejava que, na vida adulta, elas fossem pessoas boas e capazes de promover o bem por onde estivessem.

Agora, se por um lado eu relato todo meu cuidado e atenção com Neila e Inah, por outro preciso trazer aqui o sentimento de zelo, carinho e atenção que as meninas sempre tinham comigo. A forma afetuosa com que eu as ouvia me chamar era uma das mais belas melodias aos meus ouvidos. A vontade de estar na minha presença, de conversar, de aprender e conhecer um pouco mais sobre os números, as letras e a vida...



Neila e Inah foram meninas que tiveram o privilégio de fazer parte de um contexto onde uma rica realidade de relações e características humanas, bem como, de situações de vida foram sendo apresentadas a elas por meio de um diálogo muito transparente, claro e frequente. Elas eram orientadas a como conduzir, de forma assertiva, a vida. Posso dizer que todas as iniciativas educacionais, o aprender formal e informal garantiram e fortaleceram o meu elo com as meninas. Os momentos onde estávamos para dialogar sobre situações cotidianas que faziam-se presentes no nosso dia-a-dia, assim como os momentos que eram embalados pelas tarefas escolares me impuseram a necessidade de ser o alguém que pudesse trazer para elas a magia de aprender e viver aprendendo.

Sei que ao remontar toda nossa história, talvez alguns fatos e acontecimentos importantes e relevantes na vida adulta de Neila e Inah tenham, por mim, passado despercebidos, pois foram muitas as situações que compuseram o período da infância dessas meninas.

Porém, o mais importante aqui a ressaltar é que elas não tiveram uma infância descrita nos contos de fadas, mas tiveram a oportunidade de conhecer o amor integral e de se beneficiar com os aprendizados que a vida real, por vezes colorida, por vezes em preto e branco, trazem a um ser humano, atento como a vida demandada por um olhar sensível e acolhedor.



Por: Rachel Bernardes de Lima



Dona Tarcila e a formação de sua filha Neila

***Neila é minha filha caçula. Se eu tivesse
que apresentá-la em uma única palavra, a
chamaria de intensidade! Intensa nas buscas,
intensa nas lutas, intensa na vida.***

Quando pequena, Neila Terezinha e sua irmã, Inah Aparecida, brincavam de escolinha. Uma brincadeira comum naquela época em meio às crianças que nem sonhavam em um mundo cheio de ocupações tecnológicas como hoje. Uma era a professora, mas logo passava a ser aluna, para que a outra assumisse o giz e o quadro negro, que na nossa casa, assim como em muitas outras, era uma parede ou a porta do guarda-roupa. Neila sempre estava pronta para atuar como professora e sempre que podia atendia as necessidades dos colegas. Não acredito que se tornou uma professora por um dom ou por uma carga genética. Acredito, sim, que seja fruto da convivência e do que se podia colher da vida. Eu era professora e ela me acompanhava nas lidas do magistério. Ela me observava e depois repetia, mas sempre com marcas do seu próprio jeito Neila de ser.

Aos 05 anos, Neila foi matriculada no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora. Sua primeira professora foi uma Irmã Salesiana, Judith Bandeira, pessoa pela qual ela rapidamente estabeleceu relacionamento afetuoso e de admiração. Ir^ª Judith chegou a guardar lanche para Neila... Agora minha filha tinha outra figura docente para se espelhar, e eu, como mãe, sei que ela foi uma criança feliz por ter tido uma referência de tamanho valor.



Como já disse, eu era professora na escola pública e nossa condição financeira não permitia muitos investimentos na vida estudantil de nossas filhas. A garantia de estarem matriculadas numa escola de referência da cidade, só se dava em razão de que, naquela época, as escolas particulares ofereciam bolsas e, nossas meninas, que eram dedicadas aos estudos, faziam jus à oferta do sistema de ensino.

Os anos iniciais de escola foram tranquilos. Neila descobriu o som das letras num processo muito semelhante à fala, em casa e naturalmente. Quando ela iniciou oficialmente o processo de alfabetização escolar descobrimos que ela já conhecia as letras e muitas palavras. A vida das mulheres Barbosa Osório fora em meio a cadernos, desenhos, canetas e muitos aprendizados.

Lembro-me com muita dor quando nossa menina descobriu que não era “rica e nem bonita”, expressão que ela mesma usou quando mais adulta. Era tempo da festa de coroação de Nossa Senhora, e a escola anualmente elegia uma criança para assumir este papel. Nós já sabíamos que dificilmente ela seria a escolhida, em meio a tantas meninas “criadas em leite em pó”. Mas ela tinha uma carta na manga, aliás, Neila sempre foi uma menina muito esperta e dificilmente se deu por vencida diante das dificuldades da vida. Ela era uma aluna destaque, muito inteligente e esperta, usava desta inteligência para atrair os estudantes que tinham materiais diversificados e até luxuosos, como canetinhas de N cores, recurso caro naquele tempo; ganhava lanches apetitosos e guloseimas açucaradas de outros, tudo para que, durante as atividades pudessem se assentar na carteira com ela, a menina prodígio da sala. E foi por esta razão que ela, naquele ano, foi escolhida para ser a atriz principal da coroação de Maria.

Os demais anos escolares seguiram dentro da normalidade. Neila fez um curso de Técnico de Contabilidade e foi trabalhar no banco. A experiência não foi exitosa e ela estava decidida que não passaria sua vida em um ambiente bancário. Então voltou aos bancos escolares e desta vez para fazer o Normal.

As duas irmãs venciam ano a ano os obstáculos e chegavam cada vez mais próximas da Faculdade. Naquela época as instituições de ensino superior não davam muitas opções aos que estudavam no turno noturno. A vida financeira de nossa família exigia que as meninas ingressassem, ainda novas, no mercado de trabalho e nos ajudassem no



orçamento da casa. O sonho de Neila era cursar farmácia ou bioquímica, um curso que tivesse uma formação sólida em laboratórios, mas isso não era possível para nós. Ela então escolheu fazer o curso de Serviço Social. Um curso noturno, que, apesar de não usar jaleco, exigia muito de quem já chegava nos bancos da faculdade cansada depois de um pesado dia de trabalho. Foram quatro anos de estudos e, em 16 de dezembro de 1981, ela e sua turma colaram grau, outorgada pelo Padre Gissepe Maninoni, Diretor Geral da Faculdades Unidas Católicas de Mato Grosso.



As irmãs: Inah e Neila

Depois de concluída a graduação, Neila Osório foi coordenar o setor de Cultura e Arte da Faculdade Católica Dom Bosco, em Campo Grande - MS. Certo dia a Faculdade foi fazer uma apresentação externa, e ela foi com seu grupo de dança. Na plateia tinha um grupo de velhinhos, concentrados e vivendo tudo aquilo como uma experiência que chamava atenção de quem estava no palco. Na saída, o seminarista a chamou num canto e disse: _A senhora prestou atenção naquele grupo de espectadores ávidos que nos honraram com a presença nesta tarde? Ela então respondeu: __Sim, aquele grupo de velhinhos?! __Pois bem, disse o Seminarista, eles são do meu grupo, e eu estou indo embora. Não tinha com quem os deixar, mas vejo que a senhora seria a pessoa certa para me suceder neste Projeto. Ela ficou assustada com o convite, afinal, as experiências com pessoas velhas na nossa família não eram muito boas. Mas eu sempre lhe dizia que não era um convite, era a passagem de um cajado, assim como Moisés fez com seu seguidor Josué.

Dali em diante, seus sábados estavam comprometidos. Ela e o seu filho, Luiz Sinésio Neto, iam para o encontro com os velhos. Nesta época ela tinha três diferentes projetos na comunidade, organizados pela classe social, de forma que os mais abastados podiam assistir os menos abastados e, estes, aos miseráveis. Foi este laboratório que despertou nela o desejo de fazer um mestrado, para ampliar sua competência acadêmica, preparando-a para aquilo que ela acreditava. Em 1998 ela se inscreveu e foi aprovada no processo seletivo do mestrado em educação, na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM/RS). Não havia naquele colegiado pesquisadores sobre a educação e o envelhecimento humano e sua orientadora foi uma educadora que confessava suas dificuldades com a temática. Primeiro, por desconhecê-la, era uma área muito nova e poucos da academia se desbravaram por caminhos ignorados; segundo, pelo tabu que a velhice trazia consigo. Ela dizia não suportar sua própria velhice. A Neila teve que se desdobrar nos estudos para que seu projeto pessoal pudesse ser alinhavado àquele Programa e no prazo de dois anos, ela defendeu sua dissertação (1998), intitulada “Universidade da Melhor idade. Como atendê-la?”, que foi publicada como Universidade da Melhor idade: uma proposta salesiana para o idoso (1999), pela editora UCDB.

No doutorado o mundo se mostrou diferente para aquela menina que queria ser Nossa Senhora. Sua orientadora gostava de dizer que ela passou porque era branca, tinha altura e presença, e poderia representá-la em qualquer lugar da Europa. A mestra Neila não vitimizou-se e aproveitou mais esta oportunidade. O contexto familiar de intergeracionalidade, sem nenhuma consciência dos tratos necessários à saúde física e emocional dos envolvidos, foi sua inspiração para pesquisar o fenômeno. Depois de quatro difíceis anos, minha Neila estava defendendo sua tese, intitulada: Uma proposta de instrumentalização para jovens universitários atuarem junto a Idosos Institucionalizados (2002). Agora os velhos tinham uma professora doutora em Ciência do Movimento Humano, a Pedagogia do Movimento abria as portas para a Assistente Social levar a educação gerontológica Brasil a fora.

Enquanto estava no doutorado, Neila me enviava cartas de amor. Eu precisava receber estas cartas. Sua partida para Santa Maria foi muito difícil para nós. Nossa relação era muito forte e a distância geográfica exigia de nós novos arranjos de sobrevivência. Encontramos uma forma para nutrir nossa relação: pílulas diárias de amor eram entregues em envelopes brancos pelos Correio de Santa Maria, enquanto eu recebia outros em Campo Grande.

A Dra Neila trilhou firme no caminho que propôs seguir. Iniciou a carreira como professora universitária e hoje orienta seus acadêmicos nas pesquisas sobre a velhice com estudantes da graduação, do mestrado, doutorado e supervisionando pós-doutorandos.



Por: Katia Juliane Lopes de Oliveira



Amiga que a profissão me deu

Boa parte da história já foi contada pela Tarcilinha. O que eu posso fazer é mostrar um pedacinho da Neila, que eu conheci quando fui sua estagiária no colégio Auxiliadora, em Campo Grande e nos tornamos amigas, e depois quando nos reencontramos na UCDB. Neila foi professora da quarta série, onde fazia e acontecia com seus alunos em sala de aula, utilizava da arte para ensinar, para incentivar e criar as mais variadas formas de fazer acontecer. Ela sempre teve esse lado empreendedor, esse lado carismático capaz de fazer e agregar o maior número de pessoas e sempre acreditou nas pessoas que estavam em sua volta.

Eu sou uma dessas pessoas, acabei ficando como estagiária, orientanda, amiga das horas de trabalho, amiga de casa, aonde eu acompanhei sua vida pessoal, muitas vezes em seu dia a dia. Vi os meninos crescerem, vi o neto virar homem, vi João Paulo crescer, os dois lindos filhos que ela tem. Hoje eu posso dizer que são, um pouco meus também.

Naquela época, do Auxiliadora, em que era estagiária da professora Neila, tive o privilégio de aprender sem nenhuma restrição. Ela nunca teve medo de ensinar, sempre compartilhou, sempre incentivou, empurrou as pessoas para que elas crescessem. Hoje, atuo na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) e sei que devo muito a ela, todo esse incentivo e essa coragem que ela me deu, muitas vezes ao falar: - Vai! Vai! Que tu ganhas! Vai que você faz! Eu confio em você!

Anos depois a gente se encontra de novo. Ela como coordenadora do Setor de Cultura e Arte da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) e eu no grupo de estagiários. Quando foi trabalhar nesse setor, a gente tinha o grupo de danças pantaneiras, que sempre teve música e a cultura do sul-mato-grossense. Fiz parte do grupo de dança Arara-Azul, que se tornou corpo de balé moderno, em que fizemos apresentações culturais na Universidade e nos muitos eventos que nos convidavam. Às sextas-feiras fazíamos ações sociais na Universidade, em que sempre a professora Neila estava, participava, e juntava um grupo de velhinhos concentrados em volta dela. Nessa época passou a compor apresentações junto com os alunos de graduação, sempre integrando alunos e os velhos.

O que não posso deixar passar é o momento em que nós estávamos num evento de cerimonial público com todos os chefes, coordenadores, diretores de cerimonial do Brasil inteiro. Nós passamos uma semana de imersão fazendo um curso com o cerimonial da Presidência da República. Quando estávamos saindo da Universidade de Santa Catarina para um jantar, o ônibus deu uma parada por algum motivo, dentro ainda da Universidade, e a professora Neila viu um cartaz muito grande falando sobre o trabalho com a terceira idade. Nessa época era chamado assim, terceira idade. E naquele instante falou: é isso que eu quero estudar! É isso que eu quero fazer! Vamos lá! Então, paramos o ônibus, ela desceu e fomos atrás de uma professora, se eu não me engano, chamada Cecília, coordenadora desse projeto lá na universidade de Santa Catarina, em Florianópolis. Acabamos liberando o ônibus e ficamos por horas para que essa professora desse é um norte para estudar, para pesquisar, e a partir disso, a professora Neila mudou o foco de pesquisa que já vinha caminhando para isso, dentro da própria Universidade Católica Dom Bosco, com o projeto que os idosos já faziam lá dentro da Universidade.



Quando a Neila terminou o Mestrado e foi para o Doutorado em Santa Maria, ficamos longe. Tivemos essa separação física, mas os vínculos nunca fecharam. Quando a UCDB fez 5 anos, a professora Neila ainda era coordenadora da Cultura e Lazer e nós fizemos um evento que é até hoje, 20 anos depois, um dos maiores da cidade de Campo Grande – a Festa Junina. O evento traz nomes da cultura Sul-mato-grossense e tudo começou com a coragem dela de fazer. Junto a professora que era coordenadora

do curso de Comunicação Maria Ângela. Elas tiveram coragem e acreditaram num grupo de alunos que fizesse essa organização junto a coordenação delas. Nós tivemos a Festa Junina, uma mostra cultural e de toda a história da Faculdade Católica Dom Bosco que fazia nesta época 5 anos que havia sido elevada a Universidade. A professora Neila acreditou deixou isso ao nosso encargo e foi muito interessante porque a partir daí organizamos grandes eventos, e muitos de nós fomos para essas áreas sem medo e acreditando em nosso potencial, porque ela acreditou na gente.

Quando a professora Neila foi fazer o doutorado em Santa Maria, houve perdas pessoais grandes. Ao voltar para Campo Grande, para sua casa, se encontrou sem chão com muitas coisas, e foi todo um recomeço de vida, sua casa havia sido vendida e ela foi obrigada a alugar um apartamento onde foi morar com seus dois filhos, os meninos estavam numa fase de adolescência, onde o Luiz Neto iam para a Universidade conosco, para poder inclusive fazer as suas atividades de escola, porque a professora Neila passava praticamente os três períodos dentro da Universidade. E ele saía da escola fazia as atividades e depois acabava indo para lá ficar conosco e foi então que aprendeu a fazer o cerimonial. Vem daí o aprendizado da vida e de trabalho de cerimonial, de regras. Ele começou muito jovem, muito pequeno ainda, porque estava conosco e lindamente num terno, fazia às vezes de recepção e registro de autoridades. Começou dessa forma quando a professora Neila voltou do Doutorado, ainda sem terminar, mas para poder escrever a tese. Ela nunca parou, ela continuou estudando para poder fazer e terminar o Doutorado aqui e continuou trabalhando. Era uma loucura, o dia a dia dela, porque ela nunca deixou de atender os alunos, ela sempre esteve conosco o tempo que podia e quando não podia estar na Universidade, nós estávamos com ela, porque o trabalho sempre foi o que norteou a sua vida, sem deixar a família, sem deixar os alunos, sem deixar estrutura toda que ela sempre teve.

O privilégio de conviver com ela, aprendi e tenho isso para mim, a forma de agregar, de comunicar, de fazer com que as pessoas que estão sempre ao meu lado, cresçam. Aprendi com a sua personalidade que é de comunicação, é ter a sua amizade porque a verdade a benevolência dela, a magnitude em contribuir com o crescimento de todo mundo sempre foi muito grande. E pode parecer, nesse meu relato, que é uma pessoa apaixonada, mas realmente sou grata pela amizade e por toda a generosidade que ela teve comigo, e com todos que estavam em seu convívio e queriam aprender, sua sensibilidade em ajudar e contribuir com o desenvolvimento de cada estagiário e cada colega de trabalhos. Ela é assim mesmo, caridosa em ajudar.

Do grupo de nossa época, muitos hoje em dia são professores universitários, temos também apresentadores de TV, jornalistas, professores das diversas áreas como Pedagogia, Turismo, Agronomia, Direito e até Médicos. Todos passaram ali e pela grandiosidade que a Neila teve em distribuir conhecimento dela de incentivar que todos estudássemos que todos crescêssemos e tivéssemos alternativas de trabalho.

Então falar é de NEILA, da minha amiga da minha irmã e de todo o amor que ela sempre deu para mim e para muitos, não tem preço. É um amor que transcende, um amor que eu tenho por ela, um carinho que eu tenho pelos seus filhos. É muito grande! Os filhos dela são meus filhos, os netos dela são meus netos, e o meu filho é filho dela. Meu filho é irmão dos filhos dela, mesmo longe, mesmo não estando perto, eu estando em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, a terra natal da Neila, a gente nunca deixou de dividir as alegrias, as tristezas, as dores do conhecimento e mais ainda saber que ela passou por tudo isso com grandes perdas, mas com muito mais glórias.

Estudar, trabalhar, nada foi fácil, nada foi gratuito, tudo foi com muito estudo, com muito trabalho, mas olhando para ela agora, essa mulher que ganhou aqui em Campo Grande, destaque dos 100 anos de Campo Grande. É um orgulho profundo de conviver com a generosidade com a grandiosidade dela, então falar que eu amo é pouco.





Por: Luiz Sinésio Silva Neto e
Wesquisley Vidal de Santana



UMA: Tecnologia Social Educacional



O envelhecimento humano é considerado a principal conquista social do século XXI. A possibilidade de viver mais é uma questão que chama a atenção da sociedade. As tecnologias, assim como, a redução nas taxas de fecundidade e mortalidade, urbanização, maior acesso a saúde entre outros fatores possibilitaram o aumento da expectativa de vida populacional. As tecnologias podem contribuir para o bem-estar e qualidade de vida dos idosos (COZZA et al, 2019).

O conceito de Tecnologia Social (TS) proposto pelo Instituto de Tecnologias Sociais (ITS, 2004, p. 26) é definido como “conjunto de técnicas e metodologias transformadoras, desenvolvidas e/ ou aplicadas na interação com a população e apropriadas por ela, que representam soluções para inclusão social e melhoria das condições de vida”. Com base nessa conceituação Klossowski (2016) destaca que a TS é uma tecnologia que surge, prioritariamente, da sociedade para a sociedade. Elas possuem por sua constituição um potencial inovador em termos de eficácia, possibilidade de multiplicação e desenvolvimento em escala para a solução de problemas que afetam a maioria dos seres humanos, ao mesmo tempo que promovem a inclusão social.

Nesse cenário de envelhecimento populacional e desenvolvimento de tecnologias, especialmente as tecnologias sociais, as universidades assumem um papel estratégico na produção de ciência, tecnologia e inovação (CT&I). Não somente para a ampliação da expectativa de vida, mas também para promover maior expectativa de vida

saudável. Nas universidades, a extensão universitária tem o compromisso de gerar conhecimento a partir do diálogo com a comunidade. Os programas e/ou projetos de extensão que produzem Tecnologia Social são considerados “hubs” de inovação social, pelos benefícios produzidos com impacto social. Porém, essa produção é um grande desafio para as universidades brasileiras, em especial as públicas. Essa realidade foi analisada por Silva Neto (2021) onde demonstrou que as universidades têm uma baixa produção de TS para idosos. Porém, a Universidade da Maturidade da Universidade Federal do Tocantins (UMA/UFT) contrapõe essa triste realidade, pois, é uma grande produtora de TS para idosos.

A UMA/UFT é uma Tecnologia Social educacional referenciada. Ela foi certificada como TS pela Fundação Banco do Brasil (FBB) em 2011. O banco de TS da FBB é a maior e mais abrangente base de dados sobre tecnologias sociais do Brasil. Adicionalmente, estudo realizado por Santana (2021), avaliou a produção da Tecnologia Social Educacional na Universidade da Maturidade para idosos entre os anos 2016 a 2020, e conclui que a UMA/UFT produziu 27 tecnologias sociais nesse período e que a média, com base nos critérios avaliadores de TS, foi de 90.69, ou seja, o conceito foi excelente. Além de destacada qualidade demonstrada pelos pesquisadores.

Esse mesmo estudo demonstrou que a UMA/UFT produziu TS com os idosos em diferentes áreas, tais como, educação, saúde, arte, espaços de lazer ou novos conhecimentos sociais, educacionais e de novidades contemporâneas para os velhos. E ao final de sua pesquisa destaca-se a UMA-UFT como Tecnologia Social e Educacional que oferta trabalho social para velhos e desenvolve a intergeracionalidade. O grande desejo dos coordenadores da UMA/UFT é de continuar produzindo TS para idosos e, dessa forma, consolidar o programa como referencia nacional na área.

Referências Bibliográficas

COZZA, Michela et al. Future ageing: welfare technology practices for our future older selves. *Futures*, Bristol, United Kingdom, v. 109, p. 117-129, 2019.

ITS - INSTITUTO DE TECNOLOGIA SOCIAL. Tecnologia Social no Brasil. *Caderno de Debate*, São Paulo, 2004.

KLOSSOWSKI, Andressa; FREITAS, Carlos Cesar Garcia; FREITAS, Flaviane Pelloso Molina. O envolvimento da Universidade Pública em relação à Tecnologia Social (2001 a 2011). *Revista Tecnologia e Sociedade*, Curitiba, v. 12, n. 26, p. 61-80, 2016.

NETO, Luiz Sinésio Silva; DE SANTANA, Wesquisley Vidal; OSÓRIO, Neila Barbosa. TECNOLOGIA SOCIAL PARA IDOSOS E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DA UNIVERSIDADE DA MATURIDADE. *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*, v. 25, 2020.

SANTANA, Wesquisley Vidal de. A universidade da maturidade como produtora de tecnologia social educacional (2016 a 2020). 2021. 84f. *Dissertação Mestrado em Ensino em Ciência e Saúde* - Universidade Federal do Tocantins, Programa de Pós-Graduação em Ensino em Ciência e Saúde, Palmas, 2021.



Por: Maria do Carmo Ribeiro dos Santos



Era UMA vez...



Na UMA aprendi que velhos tem voz e empoderamento. Hoje, aos 65 anos, me sinto com muito mais sabedoria e esses cabelos brancos me dão poder, eles impõem respeito e direitos. Na UMA aprendemos a valorizar o que o mundo se nega a enxergar, a nossa velhice, nossas experiências, nossas vivências, os velhos estão vivendo mais e precisando conviver em grupos, pois muitos, mesmo no seio da família são abandonados deixados de lado. (Maria Margarete Silva de Souza)

Feliz dia que ingressei na UMA! Tinha um sonho de cursar uma faculdade e vi que o momento tinha chegado... me formei em 2017. (José de Almeida Rodrigues)



A UMA e seus componentes nos faz sentir mais gente, mais vivo, mais empoderado e, na UMA não somos idosos e sim, velhos com saúde, garra, disposição e amor no coração". (Venecy Pereira dos Santos)

A UMA tem uma grande importância para mim e minha família, pois, estão felizes com meu progresso, hoje me sinto uma pessoa mais feliz em participar deste projeto com pessoas iluminadas. (Izabel Soares Sampaio)





A UMA é uma sementeira que precisamos zelar em todas as instâncias das nossas vidas, como participantes que somos... a UMA é o meu melhor presente cultural em minha existência. (Manoel Augusto)

Estou aqui procurando me interagir e ampliar meus conhecimentos, principalmente em se tratando de velhos e também conviver com pessoas que como eu sente o peso da idade e não tem como ajudar nessa batalha. (Elismar de Oliveira)



A UMA para mim foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida ... hoje estou me sentindo viva e com auto-estral ótimo, fazendo novas amizades, me valorizando e me sentindo viva e amada. (Ivanilde Matos)

A UMA é um lugar onde posso trocar ideias, conhecimentos com meus novos amigos e colegas de classe, mesmo com baixa visão mas encontrei pessoas que me entendem e ajudam nessa nova caminhada. (Ana Gama)



Na UMA encontro motivo para viver melhor... a UMA é muito importante para mim. (Júlia Pinheiro)

A UMA para mim é mais do que nunca muito importante, pois é aqui que trocamos ideias, melhoramos nosso currículo... é na UMA que melhoramos nossas teorias. (Justiniano Oliveira)



Me sinto muito feliz, minha vida mudou muito, sou mais alegre, gosto de estar aqui como se fosse outra pessoa... jamais imaginei voltar a estudar e, depois de tanto tempo, hoje sou uma criança que estou começando a andar para o futuro melhor. (Odete Borges)

A UMA para mim é uma verdadeira metamorfose... pela qual com a relevância e autenticidade das aulas ganhei confiança, adquirir resiliência e é um local onde me proporciona alegria, boas amizades e grandes instruções..., sem falar nas oportunidades que temos de participar de eventos maravilhosos. (Maria das Graças Fontes)



A UMA é muita coisa, eu sinto conforto quando estou aqui, me sinto tão bem, só de vir para a UMA já me sinto com alegria, já me acostumei com a UMA e com o povo, fico feliz e contente. (Francisca Verônica)

Aqui na UMA nós somos respeitados, acolhidos por todos, com respeito e dignidade... a UMA para mim é um ponto de referência, é uma casa de acolhimento. (Kátia Maria)



Aqui encontrei apoio, carinho, amizade e atenção por parte dos colegas de sala e também dos professores. (Zeneide)



A UMA foi tudo de bom que aconteceu na minha vida... eu participar da UMA era como se eu não conhecesse o outro lado da vida... foi uma vida nova que eu encontrei... a UMA e eu somos em comum. (Maria das Dores)

A UMA para mim trouxe o prazer de viver... eu era uma pessoa que a minha vida não tinha mais sentido e a UMA foi para mim a coisa mais importante porque aqui é como se eu tivesse renascido. (Aristéia Dias)



Na UMA eu represento o que minha professora me pede... até descobri o meu lado artístico que estava escondido... a UMA me deu oportunidades de fazer coisas que nem imaginava ser capaz. (Marines Campos)

A UMA é tudo pra mim, estou realizada fazer parte, de mais uma conquista em minha vida. (Carmem Aparecida)



Sinto-me muito feliz quando chega a hora de vir para a UMA ou participar de algum evento proporcionado por ela. (Eugênia Reis)



A UMA é referencia, me sinto uma outra pessoa depois que frequento a UMA...quando assisto as aulas saio daqui renovada, aqui se é respeitado e muito amado, não existe distinção de pessoas, somos todos iguais. (Maria Deuzamar)

A UMA fez mudanças na minha vida: os ensinamentos que aprendi, a UMA me ensinou a cuidar melhor da minha saúde, da alimentação; aqui se faz amigos maravilhosos. (Neuzalina)



A UMA é uma porta de entrada para todos aqueles que querem sair da depressão e fazer amizade e aprender a viver com qualidade de vida: eu aprendi. (Maria do Socorro)

A UMA é uma escola especializada em velho, por isso que estou aqui, para aprender tratamento fino, requintado de bom gosto e, na UMA só trabalham pessoas especializadas no assunto. (Rivanes)

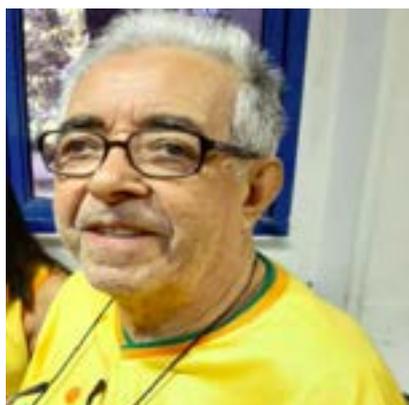


A UMA é um lugar de grandes trocas de experiências, um lugar pra se aprender a viver melhor, aqui encontro uma família contente, cheias de garra, felizes em busca do seu próprio espaço além de aprender a respeitar a idade de cada um e o seu tempo e assim, viver melhor: aqui sentimos como no tempo da escola. (Horacina Garcia)



Felicidade em está participando desta maravilhosa união que eu considero uma irmandade. (Isidorio Alves)

A UMA nos trouxe oportunidade de sermos reconhecidos com oportunidade de trocar experiências com nossos professores, mestres e doutores e universitários de várias disciplinas. (Alcides Reis)



O meu grande orgulho atual é saber que também faço parte desta faculdade que busca na maturidade o segredo da vida, alimentando o conhecimento e transformando o passado em presente e futuro no sentido de que o velho tenha mais prazer em viver. (Vicente Marsal)

Estou aqui há pouco tempo mas vejo a esperança e o saber convivendo no dia a dia com excelentes professores e estou muito feliz porque sei que aqui vou adquirir muitos conhecimentos. (Inês Veras)

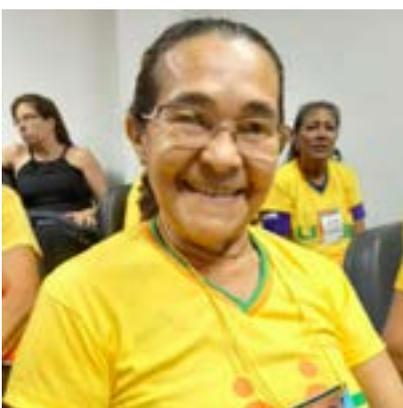


A UMA é boa companhia, parceira cheia de conhecimentos, habilidades, amor, fraternidade uns com os outros... eu e UMA, dentro da outra dependente, que sem ela ficarei vazia. (Vilani)



A UMA é coisa maravilhosa, eu gosto muito das pessoas que estamos convivendo na UMA porque ela é uma coisa ótima e maravilhosa da vida dos idosos. (Petronília da Silva)

A UMA é importante porque nos faz refletir em diversos assuntos da vida, faz também com que nos sintamos importantes como pessoas. (Jessileide)



A UMA me acolheu no momento muito difícil da minha vida, mas hoje me sinto muito bem. (Maria Edimar)

A UMA me proporciona uma grande alegria, muitos conhecimentos, construí uma grande amizade, consegui sair do isolamento, melhorou muito minha autoestima, tenho aprendido muito na UMA. (Deroci Neves)



A UMA é um lugar onde me sinto muito bem pelo ambiente família que ela transmite pra gente e o que eu aprendo aqui levo para casa. (Maria Lenice Barbosa)



A UMA transformou minha vida e é tudo para mim, sempre falo: daqui não saio, daqui ninguém me tira... a UMA só tem porta de entrada. (Railda)

A UMA para mim é um presente de Deus: sou feliz por pertencer a UMA ... Gratidão a Deus, aos professores e colaboradores que fazem parte dessa linda e abençoada família. (Rosilene de Sousa)



Em toda a minha vida, jamais tive a oportunidade de conhecer as diversidades de conhecimentos adquiridos como esta Universidade da Maturidade. (Ismael Pinto)

A UMA já faz parte da minha vida desde 2007 e sempre falo que a UMA é a minha referência de vida, aqui é o meu lugar, onde mais me sinto bem. (Elza Maria)



Sinto feliz e satisfeito na UMA onde estou há um ano pelo tratamento por parte dos dirigentes. (Waldemar Biscácio)



Encontrei carinho, amor, respeito de meus companheiros... na UMA temos bons professores de todas as matérias, adquirimos bons conhecimentos para nossas vidas. (Elga Josefina)

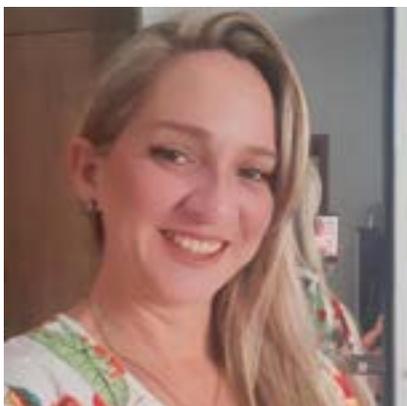




A UMA na voz dos seus pesquisadores

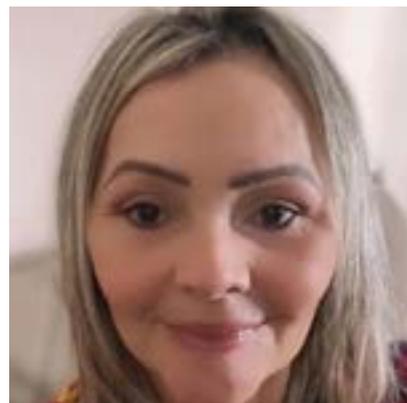


Uma reconhecida Tecnologia Social que materializa o tripé ensino, pesquisa e extensão, com técnicas reaplicáveis, desenvolvidas na interação com a comunidade e com soluções sociais em níveis local, regional e nacional. Sua riqueza está nas pessoas, crianças, adolescentes, jovens, adultos e velhos, que se unem em prol de um envelhecimento com qualidade de vida.



Estar na UMA, mudou minha vida, meu jeito de pensar, agir e interagir com pessoas mais velhas, é admirável ver a felicidade estampada nesses rostos, a partir de 2018 eu já me preparo para minha velhice, se assim o Criador permitir, cuido mais da saúde, do meu bem estar, invisto em coisas que fortalecem meu ciclo familiar, tenho mais paciência e aprendi a puxar o freio, o meu freio, pois sou completa, corpo, mente e alma (Glauce Gonçalves da Silva Gomes, pedagoga, professora na Rede Pública Estadual).

A UMA me impactou a partir do momento que me fez vivenciar as possibilidades de interação entre gerações, explorando novas formas de comunicação e exercendo a solidariedade. Ressignificando minha vida pessoal e profissional (Giselle C. Maia, professora Universitária, mestrando em Educação).



Compreendo a Universidade da Maturidade como um local de afeto, de amorosidade para com os velhos e dos velhos para com a Universidade, e também dos velhos e jovens que caminham na e pela Universidade. A UMA como é conhecida, é amada pela sua grandeza no papel social que desenvolve, acolhe os mais velhos, abre as portas e janelas para que as pessoas compreendam sobre o envelhecimento, uma vez que é um fator importantíssimo, ou temos pessoas velhas na família, e caso não venhamos morrer em breve, seremos velhos.



E neste ser velho, a UMA certamente contribuirá para nos tornarmos velhos melhores (Maria de Lourdes Leoncio Macedo, Malu, professora na Rede Estadual de Ensino, pesquisadora na UMA).



A UMA tem se tornado a cada dia uma das experiências mais gratificante da minha vida, por oportunizar, através de seus projetos e ações, não apenas o conhecimento científico, mas vivências que modificam as atitudes, e amplia os horizontes. Possibilita a troca de experiências entre várias gerações, fortalecimento de laços, vínculos afetivos e muito aprendizado, seja ele para a vida profissional ou pessoal (Elizângela Fernandes Pereira Evangelista Mestranda em Educação, Pedagoga e Assistente Social)

A UMA/UFT é onde a pessoa idosa aprende e exerce seu protagonismo. Um espaço em que, enquanto pesquisadores, compreendemos, de forma singular, a importância de analisar o fenômeno do envelhecimento humano (Nubia Pereira Brito Oliveira, professora, mestranda do PPGE/UFT, pesquisadora na UMA/UFT).



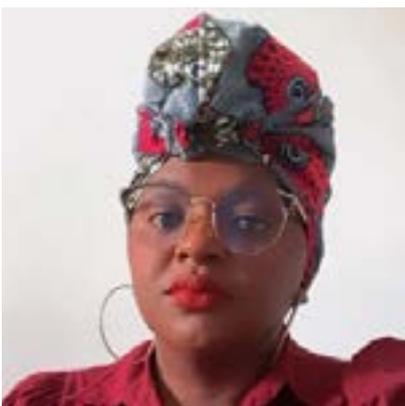
A UMA/UFT é um lugar de propostas concretas nas áreas de Educação intergeracional e de Educação em Saúde destinadas à Pessoa Idosa, ao oferecer-lhe a oportunidade de aquisição de saberes, elevação da autoestima, valorização pessoal e conhecimentos para o exercício pleno da cidadania (Marlon Brito, pedagogo na UFT).



A UMA, me fez acreditar no valor da relação humana, construída com base no respeito, na confiança mútua, na empatia e na resiliência com o próximo. Fazer parte da UMA é movimentar-se, e triunfar no caminho da afetividade, na construção de bons valores e conhecimento passado a gerações, academicamente a UMA me deu a oportunidade de entender o que é a pesquisa e quão valiosa é a contribuição da UMA aos pesquisadores, mestrandos, mestres, doutorando e

doutores. É um privilégio fazer parte da UMA, lugar acolhedor e onde me sinto em casa (Francijanes Alves de Sousa Sá, Fran, supervisora na Rede Pública Municipal de Palmas).

A Universidade da Maturidade é uma casa cheia de amor, integração e de muito aprendizado. Sou extremamente orgulhoso em fazer parte desse time de pessoas competentes e, mais do que isso, pra mim representa uma família. Na UMA, com a Dra. Neila Osório e com o Dr. Luiz Sinésio Neto, aprendi muito sobre a minha profissão, sobre atuar com amor e fazer um trabalho com respeito ao ser humano com toda a sua diversidade. Na UMA pensamos para e com os velhos. Gratidão! (Fábio Almeida – Jornalista /UMA).



A UMA/UFT evidencia em cada trabalho ou ação realizada, que o saber, o conhecimento por nós adquirido, não faz parte de um caminho unilateral, pois aprendemos mutuamente. A Uma traz consigo um jeito diferente de inserir o idoso nos diversos espaços da sociedade de forma protagonista. Do ponto de vista da metafísica dois corpos não ocupam o mesmo espaço... Mas do ponto de vista da educação intergeracional os corpos aprendem entre si e perpetuam suas memórias (Elizângela Mendes Sousa Carneiro, Licenciada em Biologia, Pesquisadora, Seduc).



A UMA sempre esteve aqui tão perto, e a conhecia só de ouvir falar. Mas hoje eu posso dizer que conheço como um laboratório social, um espaço acadêmico que não permitiu que o vigor e o encanto com o cotidiano se perdesse, trazendo diariamente aos seus membros beleza de ser um eterno aprendiz. A UMA é a casa de uns, o emprego de outros, o laboratório de muitos, e a realização de todos (Rachel Bernardes de Lima, coordenadora do curso de Pedagogia do UniCatólica e pesquisadora da UCB e Seduc/UMA).

Era uma vez uma menina que cresceu amando estar perto de velhos e crianças. Como profissional esteve sempre dividida entre as duas gerações, até que na Universidade da Maturidade conseguiu unir seus dois amores e de forma Intergeracional contribuir com as trocas de experiências, com o despertar para novas habilidades, conhecimentos, empatia, afetividade e muita criatividade, por meio da educação, arte e cultura (Luciana Pegoraro Penteado Gândara, educadora física na Seduc/UMA).



Ao conhecer a UMA, passei a ser Pesquisador na área de Educação Intergeracional, Envelhecimento Humano e Gerontologia. Sou vinculado ao grupo de pesquisa Interdisciplinar para Pesquisa e Estudos em Educação Intergeracional e Altas Habilidades GIPEEIAH. A partir disso, aprendi que a UMA é uma tecnologia social, dispõe de métodos para atuar na resolução de problemas na vida dos idosos por meio da educação, buscando sempre uma melhoria da qualidade de vida e o resgate da cidadania à essas pessoas velhas, razão pela qual, me tornei professor com muito orgulho no Programa (Euler Rui Barbosa Tavares, advogado, doutorando em Educação)

Em 2019, conheci a Universidade da Maturidade (UMA), iniciei estudos com os velhos matriculados fazendo uma disciplina para o mestrado no momento eu era aluna especial do mestrado e me apaixonei pela sala de aula e velhos da UMA. Daquele dia em diante fiquei inquieta e só queria escrever sobre as vivencias na UMA. Escrevi vários artigos, dei aulas, fizemos tarde dos talentos, com várias apresentações ensaiadas, cantadas, dramatizadas pelos velhos, e ainda foram várias viagens e passeios, em que para nós, pesquisadores, são imersões no mundo da velhice (Silvanis dos Reis Borges Pereira , doutoranda em Educação UFT).



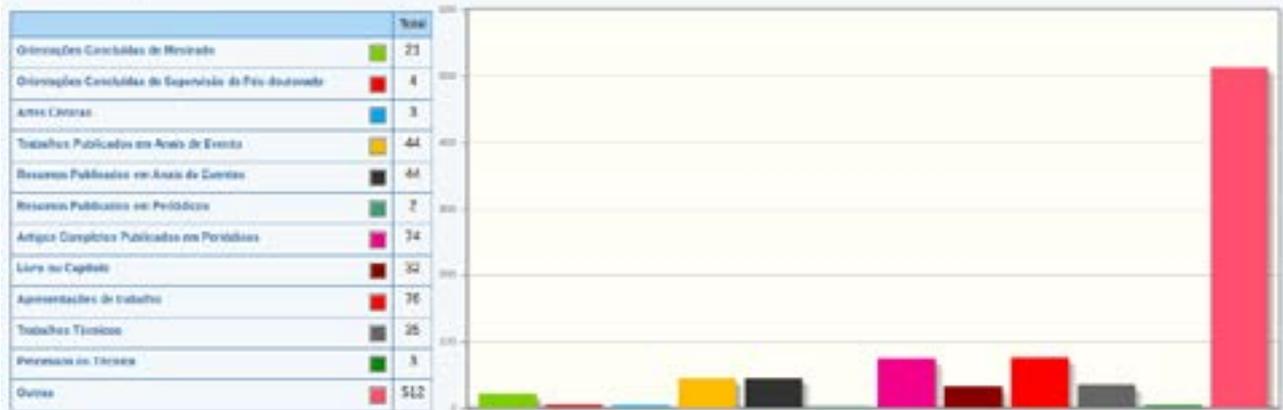
Minha relação com a UMA/UFT nasce em 2009 quando a Dra. Neila Osório me confia uma disciplina inovadora de Educação Ambiental. Honrado assumi o compromisso e desde então nunca mais nos desligamos. Nossa relação ultrapassa o profissional, nosso afeto nos coloca em situações de parceiros, amigos, confidentes, além, claro, orientando e orientador. Enquanto pessoa, pesquisador e profissional incentivo-me com os desafios que a UMA/UFT proporciona e me encanto na convivência entre diferentes gerações (Fernando Nunes, mestre em educação, assessor de projetos da UMA).



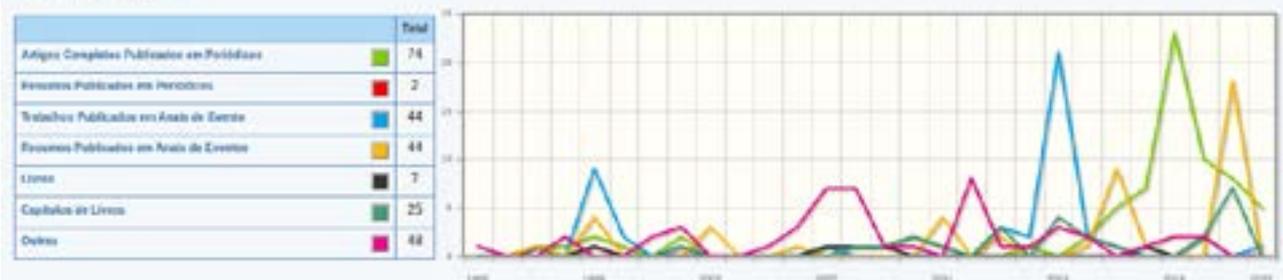


Produtividade acadêmica em números

Todas as Produções



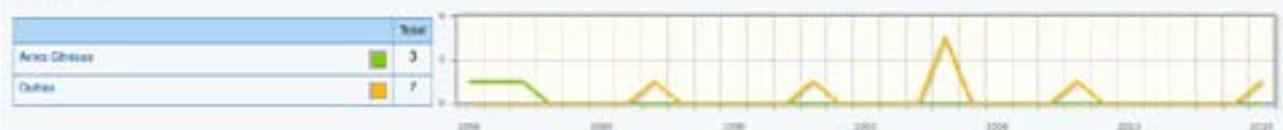
Produção Bibliográfica



Orientações Concluídas



Produção Cultural



Produção Técnica





Comprovações acadêmicas



1. Diplomas / Certificados

[Clique aqui, ou aponte a câmera do seu dispositivo para o QR Code ao lado e tenha acesso a todos os documentos.](#)

2. Atividades de ensino e orientação, nos níveis de graduação e/ou mestrado e/ou doutorado e/ou pós-doutorado

[2.1 Graduação](#)

[2.2 Mestrado](#)

[2.3 Doutorado](#)

[2.4 Supervisão de pós-doutorado](#)



3. Atividades de produção intelectual



[3.1 Artigos](#)

[3.2 Livros/capítulos de livros](#)

[3.3 Trabalhos em anais de eventos](#)

[3.4 Registros de patentes/software e semelhantes](#)

[3.5 Produção artística](#)



4. Atividades de extensão

[4.1 Participação e organização de eventos e cursos](#)

[4.2 Pelo envolvimento em formulação de políticas públicas, por iniciativas promotoras de inclusão social ou pela divulgação do conhecimento](#)

[4.3 Outras atividades de extensão](#)

5. Coordenação de projetos

[5.1 de pesquisa](#)

[5.2 de ensino](#)

[5.3 de extensão](#)

[5.4 liderança de grupos de pesquisa](#)



6. Coordenação de cursos ou programas

[6.1 de graduação](#)

[6.2 pós-graduação](#)



7. Participação em bancas

[7.1 de concursos](#)

[7.2 de mestrado](#)

[7.3 de doutorado](#)



8. Organização e/ou participação em eventos

[8.1 de pesquisa](#)

[8.2 de ensino](#)

[8.3 de extensão](#)



9. Apresentação, a convite

[9.1 de palestras](#)

[9.2 cursos em eventos acadêmicos](#)



10. Recebimento de comendas e premiações advindas do exercício de atividades acadêmicas

[10.1 de títulos pessoais](#)



11. Atividades editoriais e/ou de arbitragem de produção intelectual e/ou artística

[11.1 produção](#)



12. Assessoria, consultoria ou participação em órgãos de fomento

[12.1 à pesquisa](#)

[12.2 ao ensino](#)

[12.3 à extensão](#)



13. Cargos na administração central e/ou colegiados centrais e/ou de chefia de unidades/setores e/ou de representação

[13.1](#)

14. Documentos da UMA

[14.1 Títulos](#)

[14.2 Publicações](#)



Fotos e Extras



[Clique aqui ou aponte a câmera do seu dispositivo para o QR Code acima e tenha acesso a todos ao site com galeria de imagens e extras.](#)

